

DE PASSAGEM NA CIDADE GRANDE

Aldeia não sai da cabeça

Foto: Luiz Vasconcelos

ESTUDANTES INDÍGENAS APRENDEM A VALORIZAR SUA IDENTIDADE E NÃO VÊEM A HORA DE SE FORMAR E PODER APLICAR OS NOVOS CONHECIMENTOS NAS COMUNIDADES

ANA CÉLIA OSSAME

Nos traços do rosto, eles trazem a herança genética que facilmente poderia confundir com muitas pessoas nascidas e criadas em Manaus. Mas a civilização branca não seduz os oito estudantes indígenas que moram na capital, numa casa no Parque 10 de Novembro, Zona Centro-Sul. Depois de deixar suas aldeias e comunidades com o objetivo de receber uma formação educacional e profissional, eles continuam a luta contra aquele que é considerado a pior barreira para a cidadania indígena, o preconceito.

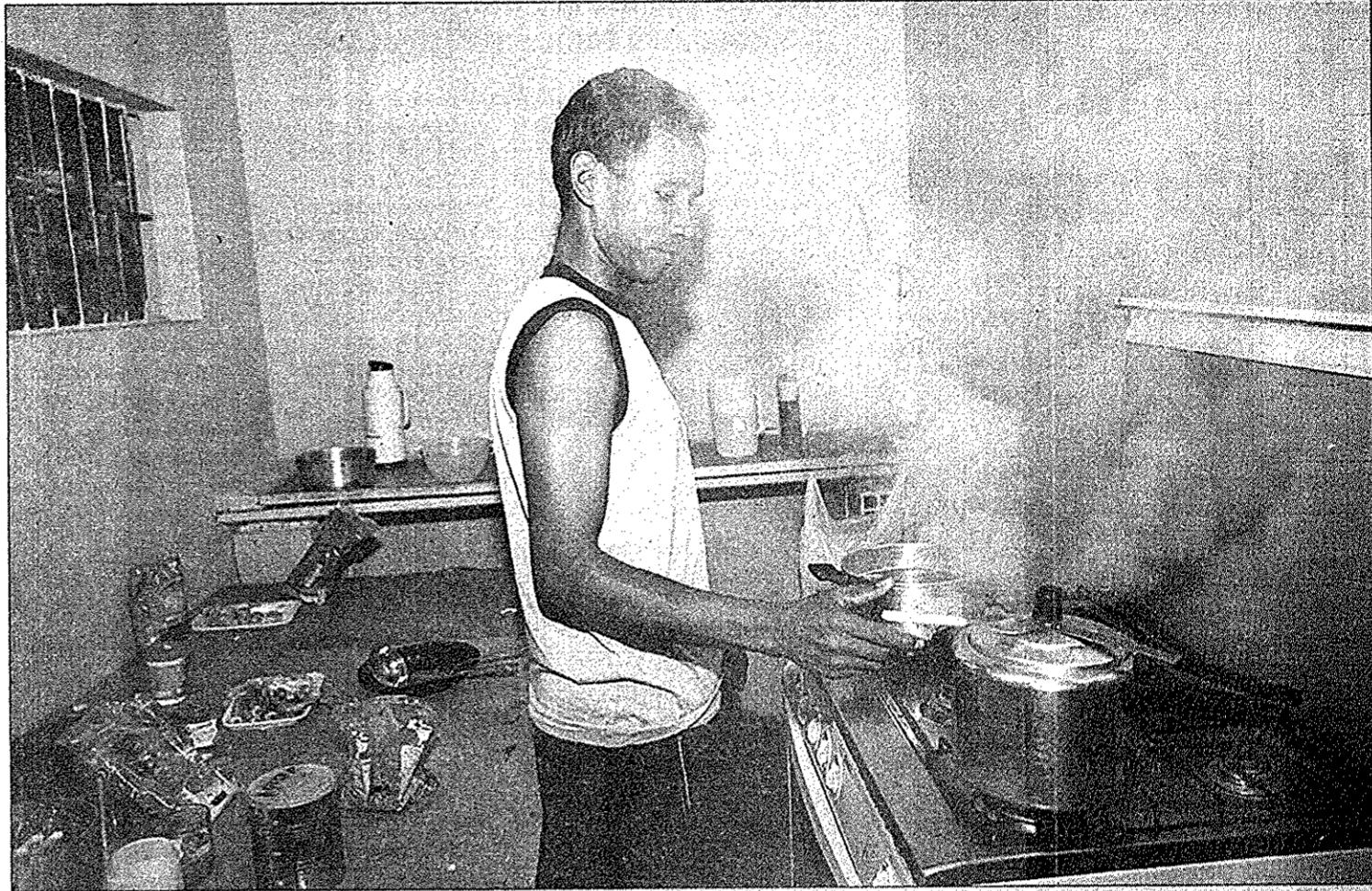
Em Manaus, de acordo com dados do Movimento dos Estudantes Indígenas da Amazônia (Meiam), existem pelo menos 280 índios estudando em cursos do ensino médio, profissionalizante ou superior. Dos oito que dividem atualmente a casa, seis fazem curso sequencial na Universidade do Amazonas (UA) e dois estudam informática. A casa é mantida com recursos da Fundação Nacio-

nal do Índio (Funai).

Vencer a intolerância racial foi o primeiro desafio, de fato, vencido por Ilson Lima, 28, ticuna de Santo Antônio do Içá (a 888 quilômetros de Manaus). Há três anos vivendo em Manaus onde veio cursar o ensino médio, ele não esconde a atitude tomada na chegada à capital. "Eu tinha vergonha de dizer que era índio na escola onde estudava", contou ele, que estudou na Escola Castelo Branco, no bairro de São Jorge, Zona Oeste e hoje faz curso de informática.

Por perceber a visão de superioridade e desrespeito do branco sobre os índios, Ilson não queria ser visto como um estrangeiro, como um extraterrestre. O sentimento foi vencido quando começou a participar do Movimento dos Estudantes Indígenas do Amazonas (Meiam), para o qual foi eleito presidente este ano. "Aprendi a ter orgulho da minha raça, a valorizar a minha cultura e hoje não tenho mais vergonha de me identificar como índio", disse ele, que no último ano do curso teve coragem e identificou-se como um índio ticuna. "Pude fazer isso certo de que não tenho motivo para vergonha. Pelo contrário, meu povo tem uma história de resistência que merece ser respeitada", explicou o jovem, que sabe falar a língua nativa.

Em Manaus, Ilson não quer fixar moradia. Vai ficar o tempo suficiente para cumprir o mandato no Meiam e cursar Administração numa universidade. O curso



COZINHEIRO Ilson ajuda nas tarefas da Casa dos Estudantes Indígenas. Ele venceu vergonha de ser índio e hoje preside movimento de estudantes

foi escolhido com o propósito de levar conhecimento para a comunidade indígena. "Nós precisamos aprender essa habilidade para melhorar a vida do nosso povo e sei que posso ajudar", afirmou ele.

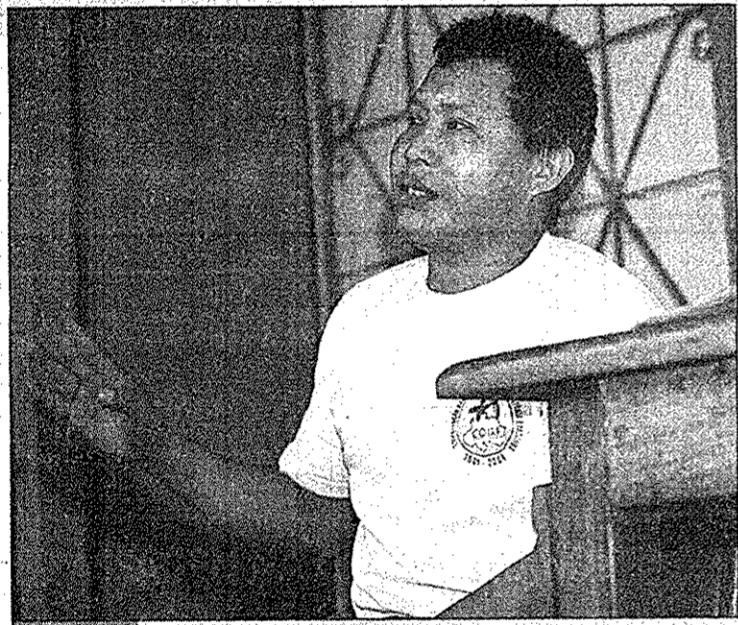
A exemplo dos demais, sai pou-

co de casa para dar um passeio ou fazer algum compras no Centro. Em casa, depois das tarefas domésticas, que são divididas entre os oito moradores, passa o tempo assistindo televisão, de preferência jogo de futebol ou jornal,

ouvindo música e estudando. Com isso, leva adiante o propósito de, no futuro, realizar o sonho de ser tuxaua da sua comunidade. "Quero voltar para levar o que aprendi na escola daqui e poder ajudar meu povo", conta ele, que

não admite mudar essa decisão nem mesmo se acontecesse de apaixonar-se por uma mulher da cidade. "Se isso acontecesse, ela teria que se mudar para lá, porque aqui só fico até conseguir me formar", concluiu.

PENSANDO EM CASA



DIVIDIDO Lourival acompanha com interesse conflitos na fronteira com Venezuela

Presença militar preocupa

Para Lourival Azaías Lima, 30, macuxi do Estado de Roraima, a oportunidade de estudar na capital amazônica está muito bem aproveitada. Ele faz o curso sequencial, oferecido pela UA em convênio com a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coaiab). Como está há três anos na cidade, já aprendeu a conviver com o branco, sem esquecer dos seus costumes e do propósito que o trouxe para cá. "Quero aprender

tudo o que for preciso para levar conhecimento para a comunidade", disse ele, que morava na aldeia pacaraima, na fronteira com a Venezuela.

Ali, os conflitos são muitos. Antes haviam os garimpeiros, que devastavam as terras e chegaram a tentar até mudar o curso de rios, disse Lourival. Depois tem a proximidade com a fronteira, que deixa o território deles alvo freqüente dos traficantes.

Mas um problema novo aumenta as preocupações. A presença militar permanente com a implantação das vilas do projeto Calha Norte é uma faca de dois gumes, na visão de Lourival. "Se por um lado eles (militares) podem nos ajudar, também podem destruir a nossa

cultura introduzindo costumes dos brancos como a bebida alcoólica", argumentou o macuxi, citando relatos da convivência dos militares com outras etnias. "Há também casos de relacionamento sexual com as mulheres e até notícias de abusos nos deixam temerosos com a proximidade dessa presença", afirma ele.

Também interessado em estudar Administração, Lourival sente-se bem tranquilo em viver na cidade e assumir a origem indígena. Não era assim no início, mas o preconceito foi vencido. "Não posso esconder que sou índio", afirma o estudante, apontando para o rosto que, na opinião dele, revela melhor do que qualquer documento, a sua identidade.

IDENTIDADE

'Sou índio em Borba, Manaus ou no Japão'

Na casa onde mora há dois anos com outros estudantes indígenas, Agnaldo Cardoso Rodrigues, 26, mundurucu do município de Borba (a 150 quilômetros de Manaus), defende a oferta de cursos dentro das comunidades indígenas. "Tive que sair da minha aldeia porque só tinha até a 4ª série primária", justificou ele, que estudou em Iranduba e Nova Olinda até chegar a Manaus, onde veio fazer vestibular. Concorreu para uma vaga no curso de Direito, não conseguiu aprovação, mas está estudando para passar no novo concurso. "Quero para passar no vestibular", revelou Agnaldo, cujo objetivo depois disso é de voltar para a aldeia. Neste local, segundo ele, faltam cabeças com conhecimentos mais amplos para administrar com visão de modernidade. O fato de ter que vir para a cidade grande, viver com costumes diferentes dos da aldeia não intimidou Agnaldo. É um desafio que, na opinião dele, tem sido vencido com a persistência. "É difícil sair da sua terra e viver num lugar distante, com pessoas desconhecidas, mas aqui somos humildes e conseguimos uma boa convivência", diz ele, ao falar da divisão das tarefas de casa. A cada dia, um grupo fica responsável pela limpeza, outro pelo preparo do alimento e arrumação geral. Não há conflitos, segundo Agnaldo, porque todos têm consciência de serem apenas hóspedes. "Estamos de passagem e devemos cuidar para que outros tenham o direito de ficar aqui também", observa.

Agnaldo garante que o índio só perde a identidade se quiser, se ceder aos encantos da vida urbana. Não é o caso dele, que faz questão de afirmar sua identidade onde quer que vá. O aprendizado para isso foi longo, sofrido, mas eficaz. Agora, pode dizer com todas as letras e no tom que quiser. "Sou índio em Borba, aqui Manaus ou no Japão e não tenho que ter vergonha disso", assegurou.